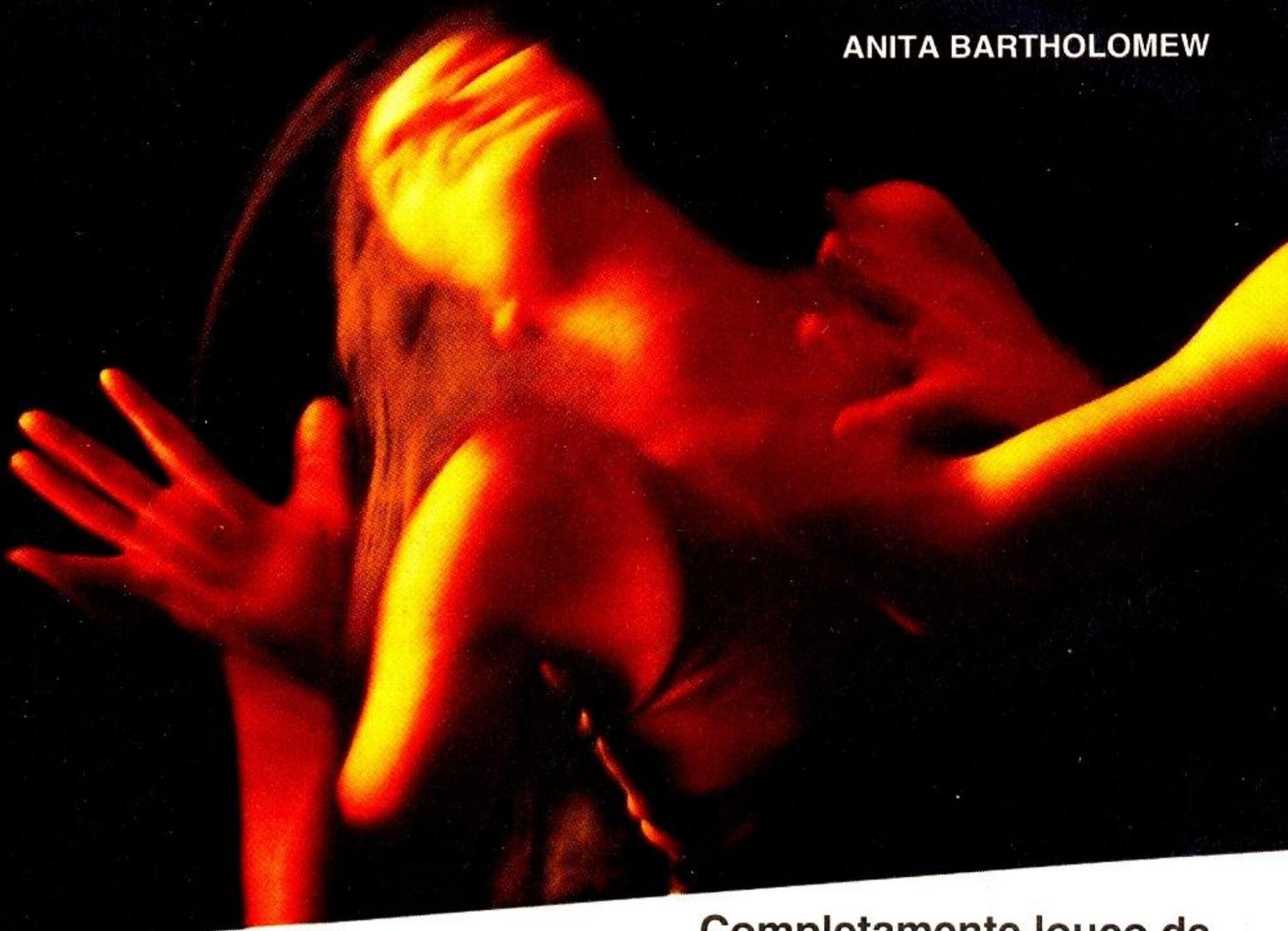


«*Você não será de mais ninguém*»

ANITA BARTHOLOMEW



Completamente louco de paixão, ele apontou a arma para a cabeça da jovem e, lentamente, puxou o gatilho.

ENQUANTO Laura Kucera estacionava junto à casa de sua amiga Sara Tello, a brisa através das janelas abertas do carro fazia esvoçar sua bela cabeleira loura. O dia 1.º de outubro de 1994 foi um sábado radioso em Wakefield, no

Nordeste do Nebraska. Enquanto o irmão e a irmã de Sara, ainda bebês, brincavam no gramado da frente, as duas jovens sentaram-se ao sol, tagarelando despreocupadamente. Foi aí que Laura reparou numa picape branca que descia a rua.



Quando parou, ela viu um homem carrancudo e musculoso, com bigode à Fu Manchu. «Oh, meu Deus, é ele!», exclamou, apavorada, ao reconhecer Brian Anderson, um ex-namorado com mais de 1,90 m de altura e 110 kg de peso que há três meses a perseguia e aterrorizava.

«Vem aqui falar comigo só um instante», pediu ele. Em pânico, Laura correu para dentro de casa, agarrou o telefone e discou o número das

emergências. Segundos depois, reparou, horrorizada, que Anderson a seguira.

Enquanto pousava lentamente o fone, as duas crianças, que tinham entrado dentro de casa atraídas por toda aquela agitação, viram Anderson e começaram a chorar. Laura deixou que ele a levasse outra vez para fora de casa.

«Só estou pedindo que você fale comigo», disse ele com voz suave. Depois, com a rapidez de uma ser-

penete, esticou a mão e agarrou-a por um braço. «Sara, chama a polícia!», gritou Laura.

Enquanto Sara sentia-se paralisada de medo, a mãe e um irmão de 19 anos, Mike, apareceram correndo de dentro da casa. Segurando Laura por um braço, Anderson voltou para a picape e empunhou um revólver. «Isso não é com vocês», disse friamente. «Voltem para dentro.»

Assustados, Mike e Sara recuaram. Anderson meteu a arma no cinto e empurrou Laura para dentro da picape.

QUANDO Laura, aos 18 anos, conheceu Brian Anderson, em abril de 1994, deixou-se seduzir por seu encanto. Brian, de 22 anos, muito cortesmente abria as portas para ela passar, comprava-lhe flores e conversava com seu pai, um biólogo que se tornara fazendeiro.

Mas a adoração de Anderson por Laura transformou-se rapidamente em obsessão e no desejo de controlá-la. Encontrava «por acaso» amigos dela e avisava-os de que não queria que Laura saísse com eles. Esperava por ela à saída do emprego, num aviário próximo, e insistia para que o acompanhasse. Desagrada com todas aquelas exigências, a moça procurou passar menos tempo em sua companhia, mas quanto mais procurava se afastar, mais hostil Anderson se tornava.

Na noite de julho em que Laura lhe disse que não queria mais vê-lo, ele ficou furioso. Encostando uma arma à cabeça da jovem, disse-lhe:

«Se não for minha, você não será de mais ninguém.» Após o minuto mais longo da vida de Laura, Anderson baixou a arma. Tremendo de medo e de raiva, ela fugiu.

O rapaz passou, então, a persegui-la. Telefonava-lhe repetidamente pela noite adentro, ameaçando incendiar a fazenda da família se Laura não concordasse em encontrar-se com ele. Na esperança de assustá-lo, Laura solicitou proteção policial.

Mesmo assim, quando, um mês depois, ela recusou uma vez mais um recomeço do relacionamento, Anderson agarrou-a pelo pescoço e encostou-lhe um revólver à cabeça. Laura viu-o apertar lentamente o gatilho; depois, fechou os olhos... e ouviu apenas o clique impotente da arma descarregada. «Vê como seria fácil?», sussurrou-lhe ele ao ouvido.

Mas um policial os viu e Anderson foi condenado a 30 dias de detenção. Dois dias após sair, levou o carro de Laura para fora da estrada e manteve-a presa várias horas. Foi dois dias mais tarde que empurrou Laura para dentro da picape, em frente à casa de Sara Tello.

À TODA em sua máquina, Anderson ziguezagueou por um labirinto de estradas desertas fora da cidade. Passaram das plantações de milho e feijão para as zonas de pastagem e floresta. Laura não fazia idéia de onde se encontravam, mas sabia onde estava a arma de Anderson. «Naquele ermo, ninguém ouviria um tiro», pensou ela. Um arrepio de medo atravessou-a, mas con-

seguiu dominar-se e manter a calma. Cedo ou tarde, ele teria de parar. Então seria a sua oportunidade.

Ao atravessarem uma estrada pavimentada, ela distinguiu uma tableta à distância: *Macy — 10 km*. Sabia agora onde estavam: na reserva índia de Omaha, a cerca de 80 km a sudeste de Wakefield. Seguiram aos solavancos por uma estrada secundária, entre mato alto e árvores. Finalmente, no topo de uma falésia arborizada sobre o rio Missouri, Anderson parou e puxou Laura para fora do carro.

«Ouça uma coisa», disse ele. «Eu só estava querendo falar com você.» Ela o havia provocado, disse-lhe, mas ele estava disposto a esquecer e a começar tudo de novo. As coisas iriam ser diferentes, prometeu.

Laura fingia prestar atenção, mas mal o ouvia. Então percebeu como poderia sair dali: a picape! Anderson deixara a porta do seu lado aberta, e Laura sabia que ele costumava deixar a chave da ignição.

Quando Anderson se virou para o lado, na direção da floresta, Laura decidiu que era aquele o momento. Correu para o carro, fechou a porta e trancou-a. Mas sentiu o coração saltar-lhe do peito quando procurou a chave: não estava na ignição.

Através da janela, viu Anderson aproximar-se lentamente. Com toda a frieza, ele tirou a chave do bolso das calças, abriu a porta do lado do motorista, empurrou Laura para o outro banco e arrancou. Percorreu quase 1 km até parar num Prado.

«Estou vendo que você não vai

mudar mesmo de idéia», disse ele, suspirando. «Não podemos pelo menos ser amigos?»

Tremendo de pavor e exausta, ela não conseguiu disfarçar por mais tempo seus sentimentos. «Brian», disse num rompante, «prefiro morrer a ser sua amiga.»

Ele a fixou friamente. «Nesse caso, acho que é melhor você começar a correr.»

Por uma fração de segundo, Laura sentiu-se paralisada. Depois, o instinto da sobrevivência falou-lhe mais alto e ela saltou da picape. Correndo para o campo, escutou Anderson sair também e bater a porta.

Durante momentos, não ouviu mais nada. «Não está vindo atrás de mim», pensou, aliviada. Então soou um tiro e uma bala atravessou-lhe um ombro. «Continue a correr», disse para si mesma. «Ele não vai conseguir pegá-la se você não parar.» Ouviu então outro tiro e sentiu a bala penetrar-lhe na parte de trás do pescoço.

Anderson agora não estava longe. «Mais depressa... mais depressa!», ordenava Laura às pernas, que fraquejavam. «Ele não vai conseguir», jurou a si mesma. «Não vou deixar que você me apanhe!»

Mas Anderson se aproximava cada vez mais. Chegou tão perto que Laura conseguiu ouvir-lhe a respiração ofegante. «Você vai ter o que merece», berrou ele, e soou um terceiro tiro, atingindo-a na parte de trás da cabeça. Laura Kucera caiu de bruços na terra dura, com duas balas no crânio.

vimento. «Meu Deus!», gritou. «Ela está viva!»

Paralisados pelo espanto, os homens se entreolharam. Ouviram então um fraco gemido. Recuperando-se rapidamente, correram todos ao mesmo tempo para ela, gritando: «Está viva, sim, está viva!»

Johnson e Taylor se ajoelharam ao lado de Laura. Johnson afagou-lhe o cabelo e a jovem tornou a gemer, aparentemente consciente. «Está tudo bem, Laura», disse Taylor suavemente.

Enquanto chamavam um helicóptero da emergência médica, Johnson foi até o jipe onde Anderson e o advogado estavam à espera.

«Luebe», exclamou radiante, «de-testo dizer isto a você, mas seu acor-do foi por água abaixo. Laura está viva!»

A jovem foi transportada para o Centro de Saúde Mariano, em Sioux City, Iowa. Com duas balas alojadas na cabeça, os médicos não tinham certeza de ela poder recuperar a consciência, mas a temperatura de seu corpo, por qualquer razão desconhecida, descera apenas a 35°C. Não estava tão desidratada como seria de esperar, após a exposição ao frio e à chuva durante quatro noites; nem parecia ter perdido muito sangue. Os médicos ficaram perplexos.

Fosse pelas orações ditas em sua intenção, fosse devido à sua própria força e coragem, o certo é que Lau-

ra continuou a surpreender os médicos ao recuperar a fala e depois a andar. Teve alta do hospital em 14 de novembro de 1994, um mês mais cedo que o previsto.

Mesmo assim, os médicos duvidavam de que ela conseguisse voltar a ser o que fora. E era com isso mesmo que Anderson contava. Depois do acordo que fizera considerando-se culpado de homicídio de segundo grau ter ficado sem efeito devido à sobrevivência miraculosa de Laura, ele se declarou inocente das acusações de rapto e tentativa de homicídio, esperando que Laura, a única testemunha ocular dos tiros, estivesse com o cérebro demasiado afetado para testemunhar ou intimidada demais para tentá-lo.

A 3 de março de 1995, Laura Kucera entrou no escritório de um advogado e sentou-se a uma mesa frente a frente com Anderson; os pormenores da campanha de terror a que fora submetida, em palavras lentas, mas com um alento inquebrantável.

Percebendo que ela o vencera, Anderson alterou sua contestação para culpado por quatro crimes dolosos, inclusive tentativa de homicídio. Em maio de 1995, foi condenado a uma pena de prisão não inferior a 85 anos.

Laura Kucera conseguira realizar sua promessa de não deixar que Anderson levasse a melhor e escapasse impune dos crimes que cometera.

FOTOS: (FUNDO), © DE JOHN PULMAN/TONY STONE; (ARMA), © DE TONY GARCIA/TONY STONE